

Entre vivos e mortos: arte rupestre e megalitismo funerário na região de Évora

Leonor Rocha

Introdução

Os primeiros trabalhos sistemáticos sobre o megalitismo funerário alentejano foram levados a cabo, de forma exemplar para a época, por Virgílio Correia, que concentrou os seus trabalhos na área de Pavia e os publicou em 1921. Dessa investigação não resultou, porém, a descoberta de nenhum exemplar de arte megalítica, à excepção das covinhas. No entanto, deve-se a ele a referência aos dois primeiros exemplares de arte rupestre de ar livre conhecidos no Alentejo, ambos no concelho de Arraiolos (Correia, 1921).

Pelo contrário, dos extensos trabalhos realizados pelo Prof. Manuel Heleno no Alentejo, nos anos 30 e 40, pouco ou nada se conhece; de facto, este investigador nunca publicou as intervenções que efectuou em monumentos megalíticos do Alentejo Central, os quais, segundo consta, deverão ascender a mais de trezentos.

Alguns autores, ou por terem sido seus alunos ou por terem sido seus colegas, salientam a relevância desses trabalhos. De entre estes, destaca-se uma passagem do Dr. Fernando Castelo-Branco, a propósito da vida e a obra do Prof. Manuel Heleno, em que se afirma que este arqueólogo "explorou ainda 15 dolmens na zona de Estremoz, alguns com pinturas e gravuras" (Castelo - Branco, 1970:10).

Espera-se que a publicação dos Cadernos de Campo deste investigador, a cujo estudo me tenho ultimamente vindo a dedicar e que constituem o meu tema de doutoramento, venha trazer novos dados relevantes sobre o megalitismo alentejano e, em particular, sobre a arte megalítica.

De facto, estes Cadernos têm, normalmente, um registo razoavelmente preciso sobre a arquitectura e o espólio e, apesar de se tratar de dados inéditos do Museu Nacional de Arqueologia, posso adiantar que

existe pelo menos um caso, de entre os escritos que já analisei, em que M. Heleno refere a existência de pinturas numa anta com corredor, descrevendo-as de uma forma bastante minuciosa.

Por outro lado, o casal Leisner (Leisner, 1949; 1956; 1959) identificou e publicou, entre os anos 40 e 60 do séc. XX, centenas de novos monumentos megalíticos funerários no Alentejo Central, apresentando uma descrição bastante exaustiva das suas plantas, espólios e estado de conservação; no entanto, por estranho que pareça, são muito raros os casos em que referiram evidências de arte megalítica.

Em contrapartida, os trabalhos recentes desenvolvidos pelos Professores Primitiva Bueno e Rodrigo Balbin (Bueno Ramírez e Balbín Behrmann, 1998; Bueno Ramírez e Balbín Behrmann, neste volume), em dolmens extremenhos e andaluzes, têm permitido identificar um número crescente de monumentos com gravuras e mesmo alguns com vestígios de pinturas, apresentando uma relativa variabilidade de motivos e alterando radicalmente o panorama tradicional.

No lado português, temos, pelo menos por enquanto, a situação oposta, não obstante o facto de se tratar de uma das maiores (ou mesmo a maior) das manchas dolménicas peninsulares.

As covinhas são, efectivamente, o único tema referente à arte rupestre alentejana, bem representado na bibliografia, embora não existam estudos específicos aprofundados sobre este tema. Com uma dispersão transversal aos diferentes tipos de suporte geológico, encontram-se também presentes quer em monumentos megalíticos quer em contextos de ar livre.

Nos monumentos megalíticos, surgem sobretudo na parte superior das tampas, mas também nos esteios (tanto no interior como no exterior). Se é verdade que a maior parte pode ser posterior à construção dos monumentos e corresponder a uma fase em que as mamoadas tinham começado já a erodir, existem outros exemplos, de que um dos mais explícitos é Anta 2 do Olival da Pega (Gonçalves, 1992; 1999), em que as covinhas dos dois esteios da entrada do corredor, eventualmente contemporâneos da remodelação/complexificação do monumento primitivo, foram gravadas antes da conclusão desses trabalhos.

Nos últimos anos, as prospecções efectuadas na região acrescentaram uma grande profusão de rochas com covinhas, em contextos de ar livre, confirmando e ampliando a imagem que já transparece da leitura dos cadernos de Manuel Heleno (Calado, 1993; Calado, 2001; Calado e Mataloto, 2001; Silva e Perdigão, 1998); geralmente, são o único tema representado, embora possam, em casos mais raros (Gonçalves, Bueno e Balbín, 1997), aparecer associadas a outras temáticas.

Note-se que, no Guadiana, apenas se identificou uma rocha, no conjunto da Retorta (Calado, neste volume), onde as covinhas apareceram associadas a outros motivos mais complexos.

Outro caso, sem paralelos conhecidos na região, é o do chamado Santuário exterior do Escoural (Gomes et. al, 1983) onde, sobre um suporte de calcários metamorfozados, foram executadas gravuras complexas, de que se destaca o tema dos bucrâneos, associados a covinhas, conjunto que, tipologicamente, aponta para cronologias calcolíticas ou talvez mesmo já da Idade do Bronze.

Para além do Escoural (e, evidentemente, do complexo do Guadiana) conhecem-se, no Alentejo Central apenas quatro painéis com gravuras, dois deles, acima referidos, publicados por Virgílio Correia (Correia, 1921), um outro pela equipa dos Serviços Geológicos de Portugal (Zbyszewski et al., 1977) e o quarto, ainda inédito, referenciado por Francisco Bilou; trata-se de afloramentos graníticos destacados, em que os motivos dominantes são os cruciformes.

Quanto aos motivos identificados nas antas, para além das covinhas, resumem-se a temas duvidosos, na sua maior parte, e, em geral, pouco típicos. Merecem destaque os possíveis serpentiformes e o quadrúpede referidos por Bueno e Balbín, na Anta Grande do Zambujeiro e a referência dos Leisner a temas antropomórficos, zoomórficos e cruciformes, na Anta 1 dos Mancebos (Leisner, 1951).

A relação espacial entre os poucos sítios com arte rupestre de ar livre e as antas está infelizmente mal documentada, uma vez que a área em que se localizam os primeiros (Pedra das Gamelas, Pedra da Talisca, Penedo das Almoínhas e Pedra da Loba) não está incluída na cartografia dos Leisner nem foi objecto de qualquer trabalho posterior. No entanto, Manuel Heleno refere, nos seus Cadernos de Campo, a realização de escavações nas imediações. Estes dados ainda não foram verificados no terreno mas, a confirmar-se esta informação, deixará de existir a aparente exclusão entre os dois fenómenos.

Arte rupestre em contextos de ar livre

No Alentejo Central, são raras as manifestações de arte rupestre em abrigos sob rocha. Exceptuando o Penedo das Almoínhas, em que o painel insculturado se localiza na superfície vertical de um afloramento em forma de cogumelo, que forma, portanto uma espécie de abrigo pouco profundo, os restantes casos conhecidos, limitam-se a apresentar as omnipresentes covinhas.

De entre estes, destaca-se, no concelho do Alandroal, o Poio Grande (Calado, 1993), uma fenda natural aberta numa vertente rochosa abrupta, sobre a ribeira da Silveirinha, que apresenta, numa das paredes laterais, um painel com numerosas covinhas. O sítio localiza-se nas imediações de uma necrópole megalítica, constituída por cerca de dezena e meia de monumentos de xisto, de pequenas dimensões, dois dos quais escavados nos últimos anos (Calado, 1993; Rocha, 2002).

Também com algumas covinhas insculpidas, foi registado, junto ao Guadiana, um abrigo natural, a Pedra da Moura, entretanto escavado, sem resultados relevantes, no contexto dos trabalhos do Alqueva (Correia, 2002).

Conhecem-se muitos casos de pedras com covinhas junto de contextos habitacionais. Mais raras são as situações em que os painéis se localizam dentro da área dos próprios povoados, como acontece, por exemplo, no povoado calcolítico de Claros Montes, em Arraiolos (Calado, 1995; 2001); mais excepcionais são os casos do povoado calcolítico da Comenda do Meio 1, também no concelho de Arraiolos, onde foram gravados cruciformes (Calado, 2001) ou o povoado neolítico do Porro, em Évora (informação de M. Calado), onde, num grande afloramento granítico, se observam um círculo e um semicírculo gravados.

Um outro caso muito especial é o do já referido povoado calcolítico do Escoural (Montemor - o - Novo), onde, em todo o caso, não parece ter ficado muito clara a relação entre as gravuras e as estruturas habitacionais.

A presença de covinhas em afloramentos e/ou blocos soltos é, em contrapartida, um fenómeno relativamente recorrente no Alentejo Central. Recentemente, no concelho de Estremoz, identificou-se um grande afloramento granítico, (Rocha, 2003) junto a uma anta, onde aparece representado um grande conjunto de covinhas, num painel vertical. Na verdade, a proximidade entre pedras com covinhas e sepulturas megalíticas é relativamente frequente.

Nas recentes intervenções de salvamento, no Regolfo do Alqueva, identificou-se um conjunto significativo de arte rupestre, nas margens do Guadiana (Baptista, 2002; Calado, neste volume). Os motivos, os suportes e as técnicas deste complexo rupestre não encontram praticamente paralelos no resto da região. Trata-se, sem dúvida, de um fenómeno de exclusão ostensiva, cujo significado resta ainda desvendar.

Na verdade, o único elo de ligação aparente poderia ser representado pela rocha da Retorta, a única, no Alqueva, que associa covinhas com os restantes motivos: círculos, serpentiformes, antropomorfos esquemáticos, e em que as covinhas parecem ser posteriores.



Fig. 1 - Penedo das Almoinhas (Correia, 1921). Foto M. Calado.



Fig. 2 - Retorta. Foto M. Calado

Arte rupestre em contextos megalíticos

A listagens a seguir apresentadas correspondem apenas às áreas de maior densidade megalítica, Évora, Montemor-o-Novo e Pavia (139, 134, 136 monumentos, respectivamente), no Alentejo Central; no resto da região, existem outras manchas interessantes, mas todas elas de menor entidade efectiva ou menos conhecidas, pelo que o conjunto avaliado corresponde largamente a uma amostra suficientemente representativa do universo regional.



Fig. 3 - Distribuição geral das sepulturas megalíticas na Península Ibérica

1. Área de Évora

A listagem dos monumentos que, na área de Évora, apresentam covinhas fez-se apenas tendo por base o trabalho de Georg Leisner (Leisner, 1949). A amostra disponível, demonstra que, em cerca de metade dos casos, elas se apresentam nos esteios e, nos restantes, sobre as tampas (da câmara ou do corredor).

Na mesma obra, Georg Leisner registou ainda um outro tipo de gravura, no monumento da Herdade do Freixo de Cima 2 (Leisner, 1949); tratava-se de um círculo com cerca de 0,20m de diâmetro, referenciado no século XIX, por Emile Cartailhac, (Cartailhac, 1886) e que já não era visível quando o arqueólogo alemão visitou o local.

Note-se que em relação a Vale Rodrigo 1, tholos megalítico com um monólito decorado, na periferia da mamoa, Primitiva Bueno e Rodrigo Balbin colocam a hipótese da existência de gravuras ou pinturas,

Monumento	Localização	Motivos
Herdade da Chainha 1	Câmara – esteio cabeceira	Covinhas (3)
Herdade do Hospital	Câmara – esteio	Covinhas (?)
Herdade Chaminé 1	Câmara – esteio	Covinhas (?)
Herdade Casas Novas 1	Corredor – esteio	Covinhas (6)
Herdade do Menguverinho	Corredor - esteio	Covinhas (1)
Herdade Paço das Vinhas 1	Chapéu	Covinhas (16)
Herdade de Bencafêde	Chapéu	Covinhas (várias)
Herdade Paço da Saraiva	Chapéu	Covinhas (7)
Herdade das Paredes	Corredor – tampa	Covinhas (31)
Herdade da Loba	Corredor - tampa	Covinhas (3)
Herdade Freixo Cima 2	Câmara – esteio	Círculo
Quinta do Gato 4	Câmara – esteio	Círculo
Pinheiro do Campo 1	Chapéu	Linhas paralelas
Anta Grande Zambujeiro	Câmara – esteio	Serpentiformes; pintura (?)
Anta 2 de Vale de Rodrigo	Bloco solto (pedra de fecho?)	Báculo (?)

Quadro 1 - Distribuição das gravuras na estrutura das antas da área de Évora



Figura 4 - Pinheiro do Campo 1. (Foto M. Calado).

em alguns dos esteios da câmara. Esta proposta baseia-se na observação de fotografias publicadas e, sobretudo, na semelhança a nível arquitectónico com o monumento da Granja de Toniñuelo, Badajoz (Bueno Ramírez; Balbin Behrmann, 1998b) e carece, naturalmente, de confirmação.

Como já foi referido, segundo os mesmos autores, a anta Grande do Zambujeiro apresentaria também, no exterior do esteio da câmara, do lado Sul, pelo menos 3 linhas serpentiformes e restos de

pinturas no interior da câmara.

Ainda no conjunto de Vale de Rodrigo, a anta 2, recentemente intervencionada (Larsson, 2001), continha, no interior, um bloco com gravuras, onde se reconhece uma figura que faz recordar os báculos, embora a forma algo angulosa tenha igualmente sugerido ao escavador a possibilidade de se tratar de uma enxó encabada.

Recentemente, Manuel Calado identificou mais dois monumentos com gravuras, de período indeterminado: no exterior do chapéu da anta do Pinheiro do Campo 1, dois sulcos dispostos transversalmente, com cerca de 1,5 m de comprimento, 0.015 m de profundidade e com uma distância entre si de cerca de 0.10-0.12 m; na sepultura da Quinta do Gato 4 (Calado, 2003), um esteio (o único conservado in situ) com um círculo escavado com cerca de 0.15 m de diâmetro e 0.01 cm de profundidade.

Na área de Évora, de um total de 139 antas registadas, verifica-se que 11 apresentam covinhas, 3 ou 4 apresentam gravuras e apenas uma apresenta restos, não confirmados de forma taxativa, de pintura.

2. Área de Reguengos de Monsaraz.

A listagem dos monumentos da área de Reguengos de Monsaraz fez-se com base nos trabalhos do casal Leisner (Leisner e Leisner, 1985) e nas revisões de Victor Gonçalves (Gonçalves, 1992). Apesar de este concelho ter merecido uma atenção muito especial dos arqueólogos alemães que inventariaram, de uma forma bastante exaustiva, os monumentos existentes, esses investigadores não identificaram, na altura, nenhum que apresentasse covinhas.

Efectivamente, a Anta 2 do Olival da Pega é o único monumento em que, mais recentemente, foi confirmada a existência deste tipo de gravuras; trata-se de dois esteios da entrada do corredor, em xisto (a nata foi construída em granito), que correspondem eventualmente, a uma fase tardia da vida da necrópole, contemporânea da remodelação do espaço funerário (Gonçalves, 1992; 1999).



Figura 5 - Anta 2 do Olival da Pega (Fotos de V. Gonçalves)

Monumento	Localização	Gravura
Cabeça da Anta/Mancebos	Monólito/esteio (?)	Antropomorfos, zoomorfos e cruciformes
Barrocal 1	Bloco solto (pedra de fecho?)	Semicirculo
Anta 2 do Olival da Pega	Corredor – esteio	Covinhas

Quadro 2 - Distribuição das gravuras na estrutura das antas de Reguengos de Monsaraz

Segundo Georg e Vera Leisner, o Dr. Pires Gonçalves recolheu na anta da Cabeça da Anta (Mancebos 1) um "bloco alongado de diorite com cerca de 0,40 m de comprimento e secção trapezoidal, medindo em três lados da base, 0, 20m, e no quarto 0,26 m" (Leisner e Leisner, 1985: 153)

Este bloco estava decorado com vários tipos de gravuras:

- Num dos lados e junto à base, existiam várias gravuras "de difícil interpretação, executadas em traços finos e pouco profundos";
- No lado mais comprido, figuras cruciformes e outra que, segundo estes investigadores, poderia ser uma figura humana;
- Na base, outras representações semelhantes e, no lado esquerdo, linhas cruzadas em losangos. Junto a estas, uma figura de animal "por causa do chifre, poderia tratar-se de um veado";
- O centro encontrava-se todo picotado e apresentava uma figura, aparentemente, zoomorfa, interpretada como uma representação de um "carneiro".

O facto de este monumento se encontrar já destruído nessa data impediu que o casal Leisner tentasse confirmar a matéria-prima dos esteios e a eventual relação com entre estes e o bloco. Segundo eles "supondo que o bloco tivesse pertencido à construção dolménica, poderia tratar-se de um fragmento de um esteio com gravuras na face interior e num bordo lateral".

Na anta 1 do Barrocal, na entrada da câmara existia um fragmento de uma laje com um semicírculo de 0,35m de altura e 0,40m de largura feito com um traço de 0,03m de largura por 0,01m de profundidade. Segundo estes investigadores, poderia corresponder a um fragmento da laje situada sobre a porta (Leisner e Leisner, 1985: 154), tal como, aliás, foi sugerido a propósito do já mencionado bloco de Vale de Rodrigo 2 (Larsson, 2001).

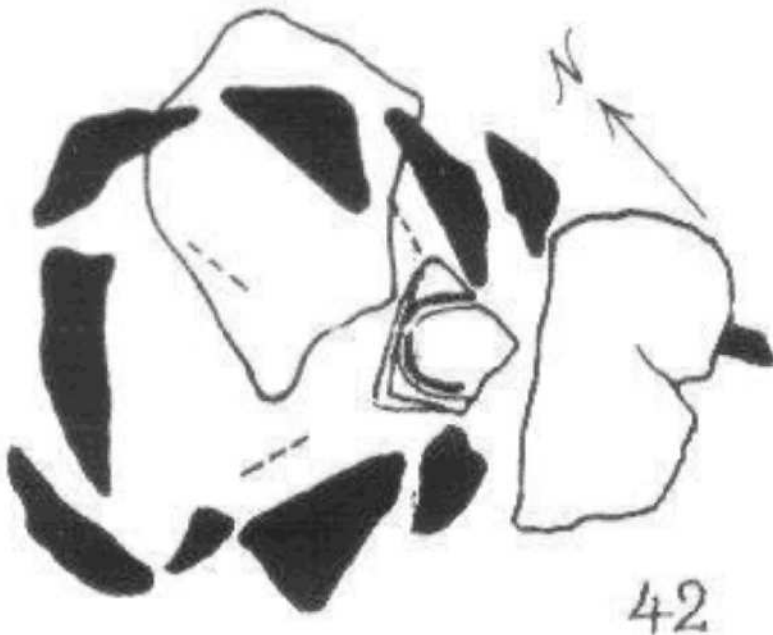


Fig. 6 - Anta 1 do Barrocal (sgd. Leisner e Leisner, 1985)

Em resumo, a área de Reguengos apresenta, tal como Évora e Pavia, uma grande concentração de monumentos megalíticos; no entanto, das 134 antas registadas, apenas uma apresenta covinhas na estrutura do monumento e noutros dois casos foram descobertos outros tipos de gravuras, em blocos soltos cuja relação com as sepulturas não ficou cabalmente esclarecida.

Não obstante os trabalhos, relativamente intensos, que se têm vindo a realizar, nos últimos anos (Gonçalves, 1992; 1999), não se identificaram entretanto novos monumentos decorados nesta área.

3. Área de Pavia

Monumento	Localização	Número
Caeira 3	Câmara – esteio	36
Caeirinha	Câmara – esteio	8
Ordem 5	Chapéu	42
Figueiras 1	Chapéu	24 (algumas anexadas)
Oliveira 1	Chapéu	10 (ou mais)
Têra 1	Chapéu	13 (ou mais)
Jordana	Chapéu	Muitas
Casarão das Figueiras	Câmara – esteio /tampa	1
Entreáguas 1	Corredor – tampa	1

Quadro 3 - Distribuição das covinhas na estrutura das antas de Pavia

Dos 136 monumentos conhecidos, até ao momento, na área de Pavia, apenas 9 apresentam covinhas sendo que a maioria (7) se localiza sobre as tampas (câmara e corredor)

O inventário deste conjunto foi realizado, numa primeira fase por V. Correia, nos inícios do séc. XX (Correia, 1921), e, nos finais deste século, revisto e ampliado pela signatária. Apesar das recentes investigações, na área de Pavia, terem permitido identificar um número relativamente elevado de novos monumentos megalíticos (Rocha, 1999), não se acrescentaram novos dados relativamente à presença de arte rupestre.

Conclusão

A funcionalidade das covinhas continua em aberto. A sua posição, ora na vertical, ora na horizontal, em suportes fixos (afloramentos e abrigos) ou móveis (esteios, tampas, menires ou blocos soltos) coloca-nos grandes problemas na interpretação do seu significado, cronologia e articulação com os restantes motivos. Tendo em conta os contextos arqueológicos a que aparecem associadas, cremos, no entanto, que estas surgiram durante o Neolítico podendo ter perdurado até épocas bem recentes.

Em relação à arte megalítica, em contexto funerário, a sua escassez na região em estudo parece dar razão à tese defendida por Elizabeth Shee, sobre a relação entre a ausência de arte megalítica e a presença de placas de xisto decoradas (Shee, 1981); na verdade se, por enquanto e em termos estatísticos, esta relação ainda é sustentável, é certo que ela foi substancialmente esbatida pelos trabalhos da Prof. Primitiva Bueno e Rodrigo Balbin.

Efectivamente, podemos estar confrontados sobretudo com fenómenos de conservação diferencial das gravuras e pinturas, por razões climáticas e/ou dos comportamentos das matérias-primas face aos elementos erosivos. Outro factor que certamente condiciona a informação disponível relaciona-se com a inexistência de trabalhos especializados e direccionados para a detecção de vestígios que exigem metodologias específicas, como aliás tendem a demonstrar os trabalhos dos citados arqueólogos espanhóis.

Seja como for, a aparente exclusão de arte megalítica, em monumentos frequentemente recheados de placas de xisto, não nos deve fazer esquecer outra realidade regional, isto é, a presença, nas rochas dos leitos do Tejo e do Guadiana, de extensos santuários, presumivelmente executados e usufruídos pelos construtores de antas.

Bibliografia

- BAPTISTA, A.M. (2002) - Arte Rupestre na Área de Influência da Barragem do Alqueva. Al-Madan, II série, 11, p. 158-164.
- BENITO DEL REY, L.; GRANDE DEL BRÍO, R. (2000) - Santuarios Rupestres Prehistóricos en El Centro-Oeste de España. Salamanca: Librería Cervantes.
- BUENO RAMIREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R. (1996) - El papel del elemento antropomorfo en el arte megalítico ibérico. *Revue Archéologique de l'Ouest*. Rennes: [s.n.]. 8, p. 41-64.
- BUENO RAMIREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R. (1998a) - Arte megalítico en los sepulcros de falsa cúpula. A propósito del sepulcro de Granja de Toniñuelo (Badajoz). III Coloquio Internacional de Arte Megalítico. La Coruña.
- BUENO RAMIREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R. (1998b) - Novedades en la estatuaria antropomorfa megalítica española. *Actes du 2^{ème} Colloque International sur la statuaire mégalithique*. Archéologie en Languedoc. [s.l: s.n.]. 22, p.43-60.
- BUENO RAMIREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R.; ALCOLEA, J; BARROSO, R; JIMÉNEZ, P; CRUZ, A. (1994) - Hallazgos de Arte Megalítico en la provincia de Guadalajara: Portillo de las Cortes (Aguilar de Anguita). *Wad - al - Hayara*. [s.l: s.n.].21, p. 9 - 28.
- BUENO RAMIREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R.; BARROSO BERMEJO; R.M.; ALCOLEA, J.J; VILLA, R; MORALEDA, A. (1998) - El dolmen de Navalcán. El poblamiento megalítico en el Guadyerbas. Toledo: Instituto Provincial de Investigaciones y estudios Toledanos. I^a. 52.
- CALADO, M. (1993) - Carta Arqueológica do Alandroal. Alandroal: Câmara Municipal do Alandroal.
- CALADO, M. (1994) - A necrópole dolménica do Lucas (Terena, Alandroal). *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa. 2, p. 125-131.
- CALADO, M. (1997) - Cromlechs alentejanos e arte megalítica. *Actas do III Colóquio Internacional de Arte Megalítico*. A Coruña: Museo Arqueológico e Histórico, p.289-297.
- CALADO, M. (2001) - Da serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional. *Trabalhos de Arqueologia*, 19. Lisboa: IPA.
- CALADO, M. (2003) - Megalitismo, megalitismos: o conjunto neolítico do Tojal (Montemor-o-Novo). In GONÇALVES, V.G. (ed) - *Muita gente poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo*. *Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: IPA, p. 351-369.
- CALADO, M; MATALOTO, R. (2001) - Carta Arqueológica do Redondo. Redondo: Câmara Municipal de Redondo.
- CALADO, M; ROCHA, L. (1996) - Neolitização do Alentejo Interior: os casos de Pavia e Évora. *Actas do I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*. Gavà. II, p. 673-682.
- CALADO, M; BAIRINHAS, A. (1994) - O santuário pré-histórico da Horta da Ribeira (Redondo). *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa., 2, p. 175-178.
- CARTAILLAC, Émile (1886) - *Les ages pré historiques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: Ch. Reinwald.
- CASTELO - BRANCO, F. (1970) - Subsídios para o estudo da actividade científica do Prof. Manuel Heleno. *Ethnos*. Lisboa: [s.n.]. VII, p. 5-30.
- CORREIA, V. (1921) - El Neolítico de Pavia. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas (Memoria 27).
- GOMES, M. Varela (1991) - Corniformes e figuras associadas de dois santuários rupestres do Sul de Portugal. *Cronologia e interpretação*. Almansor. Montemor - o - Novo: Câmara Municipal de Montemor - o - Novo. 9, p. 17-74.
- GOMES, M.V; GOMES, R.V; SANTOS, M.F. (1993) - O santuário exterior do Escoural - Sector SE (Montemor-o-Novo (Évora)). *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: A.A.P.. II, p. 93-108.
- GOMES, R.V; GOMES, M.V; SANTOS, M.F. (1983) - O santuário exterior do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*. Salamanca: [s.n.]. XXXVI, p. 287-307.
- GOMES, R.V; GOMES, M.V; SANTOS, M.F. (1983-84) - Santuário exterior e povoado calcolítico do Escoural. *Clio/Arqueologia*. Lisboa: [s.n.], p. 77-78.
- GONÇALVES, V.S; BALBÍN-BEHRMANN, R; BUENO-RAMIREZ, P. (1997) - A estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal). *Brigantium*, A Coruña, 10, p. 235-254.
- GONÇALVES, Victor S. (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC

- GONÇALVES, Victor S. (1999) - Reguengos de Monsaraz - Territórios Megalíticos. [s.l.]: CMMR.
- HELENO, Manuel - Cadernos de Campo (Inéditos). MNA.
- LARSSON, L. (2001) - Decorated façade? A stone with carvings from the megalithic tomb Vale de Rodrigo, monument 2, Alentejo, southern Portugal. *Journal of Iberian Archaeology* 3: p. 35-46.
- LEISNER, G. (1949) - Antas dos Arredores de Évora. Évora : Edições Nazareth.
- LEISNER, G. e V. (1951) - A Anta das Cabeças. *Arq. Port.* Lisboa: [s.n.]. I.
- LEISNER, G. e V. (1959) - Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen. Berlin: Walter de Gruyter. II: 2.
- LEISNER, G. e V. (1985) - Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz. Lisboa: UNIARCH (reed.).
- ROCHA, L. (1999) - Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história Regional. Setúbal: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, L. (2002) - A Anta 6 do Lucas (Hortinhas - Alandroal). Relatório da 3ª Campanha de escavação. (Relatório apresentado ao IPA, 2002)
- ROCHA, L. (2003) - Estudo do Megalitismo funerário no Alentejo Central. Relatório das Prospecções. (Relatório apresentado ao IPA, 2003)
- SANTOS, M.F; GOMES, M.V; MONTEIRO, J.P. (1981) - Descobertas de arte rupestre na gruta do Escoural (Évora, Portugal). *Altamira Symposium*: [s.n.], p. 205-243.
- SHEE TWOHIG, E. (1981) - *The Megalithic Art of western Europe*. Oxford: Clarendon Press.
- SILVA, A. C; PERDIGÃO, J. (1998) - Contributo para a Carta Arqueológica de Arraiolos. Arraiolos : Câmara Municipal de Arraiolos.
- ZBYSZEWSKI, G; VIANA, A; FERREIRA, O. V (1977) - Descoberta de insculpturas com a figura humana estilizada na região de Brotas (Mora). *O penedo de Almoinha*. CSGP. Lisboa: [s.n.], 61, p. 33-41.